

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

“DESCOLONIZAÇÃO” DA IMAGEM INDÍGENA EM *MEU QUERIDO CANIBAL*

Ana Célia Coelho¹; Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel²

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e-mail: hanna_celia@ig.com.br 2. Orientador, Mestrado em Literatura e Diversidade Cultural, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e-mail: rhseidel@gmail.com

PALAVRAS-CHAVES: Antonio Torres, revisão da história; literatura pós-colonial.

INTRODUÇÃO

Este artigo está vinculado ao projeto de pesquisa: “Visões antagônicas sobre o índio em *Meu querido canibal* e *A Confederação dos Tamoios*”, vinculada ao projeto “Descaminhos de viandante: espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antonio Torres”, apoiado pela CNPq/UEFS. Esta comunicação pretende abordar os resultados da pesquisa do referido projeto. Portanto, dá-se ênfase ao romance *Meu Querido Canibal* (2000), de Antônio Torres, cujo tema central é a forma como se deu o “descobrimento” do Brasil e o modo como os nativos, especialmente, os Tupinambás, receberam o processo de colonização imposto pelos portugueses. Desse modo, Torres revisita temas importantes de nosso passado e nos oferece uma nova versão para a história oficial da conquista européia.

Ao retratar a vida do grande líder Cunhambebe, Torres tem a intenção de estabelecer nossas raízes históricas, constituindo-se em torno da idealização da figura do índio, transformando-o em herói nacional. O autor faz uma revisão histórica ao investigar o relato histórico, desmontando-o e questionando seu estatuto de verdade. Assim, buscar desconstruir a fronteira existente entre história e literatura, sendo, por isto, considerada uma obra pós-moderna e/ou pós-colonial – termo utilizado por Ashcroft et al. (1991) para descrever a cultura influenciada pelo processo de dominação imperial europeu, desde o momento da colonização até os dias atuais. Vale ressaltar que Bill Ashcroft é um dos fundadores da teoria pós-colonial, co-autor de *The Empire Writes Back* (London: Routledge 1991, 2. ed. 2002), primeiro texto a analisar sistematicamente os “estudos pós-coloniais”.

Gonçalves de Magalhães (1811-1882) é considerado ser um dos primeiros escritores a publicar livro na literatura brasileira e iniciador do período chamado Romantismo brasileiro com “Suspiros Poéticos e Saudades”, publicado em 1936, bem como do período posteriormente chamado de Literatura Indianista brasileira, com a publicação de “A Confederação dos Tamoios” (1857). Esta obra, na época, não foi bem recebida pela crítica, pouco valor lhe fora dado pelos nossos historiadores literários. E, ainda hoje, é uma obra relativamente pouco estudada e conhecida, tendo sido reeditada na década de noventa no contexto das comemorações do “descobrimento”. Todavia, trata-se de uma obra que serve de contraponto ao romance *Meu querido canibal*, pois, demonstra uma visão idealizada do índio, comum ao século XIX.

É tratada neste estudo a forma como cada uma das obras apresenta a temática do índio dentro da cultura brasileira, a partir dos estudos “pós-coloniais” – críticas a visões eurocêntricas, mediante análise das influências do imperialismo na cultura colonizada e marginalizada. Por isto, buscou-se enfatizar a “descolonização” do índio empreendida por Torres, através da revisão crítica da história oficial e da visão colonial sobre os índios, segundo a qual eram vistos como sendo seres/culturas inferiores. Para tanto, utiliza-se como corpus teórico autores consagrados, tais como: Ashcroft et al. (1991); Bonnici (1998); Candido (1993); Fontana (1998), dentre outros, que abordam alguns princípios da teoria pós-

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

moderna e pós-colonial referente à literatura; tratam da identidade cultural na pós-modernidade; trazem conceitos como o de “desenraizamento”, “entre-lugar” etc., essenciais para a compreensão da obra de Torres; tratam sobre multiculturalismo e o etnocentrismo no processo de colonização.

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido a partir de levantamento bibliográfico, seguido de leituras teóricas e críticas dos autores selecionados, conforme bibliografia indicada. A metodologia utilizada foi a crítica-analítica, fundamentada em estudos de obras que discutem a temática em questão, priorizando os estudos da teoria da literatura, da história, dos estudos culturais e sociais.

O corpus da pesquisa consiste basicamente na utilização do romance *Meu querido canibal* (2000), de Antônio Torres, a Epopéia *A Confederação dos Tamoios* (1857), de Gonçalves de Magalhães, e de trabalhos de autores consagrados que tratam da temática neste projeto desenvolvida. Além do site do autor (www.antoniotorres.com.br) que nos fornece informações decorrentes da repercussão de seus romances e atualizações de suas obras, bem como entrevistas do autor concedidas a revistas.

DISCUSSÃO

Como é sabido, a Literatura constitui um documento histórico valioso para se compreender que representações uma sociedade constrói acerca de um determinado tema. Inscrita em temporalidades distintas, esta manifestação artística permite não apenas discriminar os tipos de relacionamento que se estabelecem entre culturas diversificadas, como também clarificar o conjunto de imagens e sentidos que configuram paisagens identitárias do Nós e do Outro. Nesse sentido, *Meu querido canibal* está inserido de forma a propor reflexões acerca destes paradigmas, sobre a questão nacional, que de certa forma nos remetem à questão do “espelho identitário nacional” (Chauí, 2001), em que estão presentes as nossas ambigüidades e ambivalências, e através do qual nos vemos também com os olhos dos outros e passamos a refletir no que somos de fato.

Segundo Candido (1993) durante o Romantismo ocorreu um branqueamento dos habitantes naturais, o qual simbolizava a identidade nacional do Brasil. Ventura (1987) analisa tanto esse processo quanto a formação da crítica literária no Brasil e os principais debates intelectuais na virada do século XIX para o século XX. Buscava-se naquele período uma homogeneidade entre as raças que habitavam o território brasileiro, mediante o apagamento de toda riqueza cultural referentes aos índios e aos negros.

Para o autor, a “mentirada gentil” do indianismo romântico, vinha ao encontro do propósito de afirmação de uma identidade nacional do jovem país, recém-independente e sob o risco de fragmentar-se em diversas repúblicas (Cabanagem, Balaiada, Sabinada, Praieira, Farroupilha). Desse modo, a “lenda” da formação da nacionalidade, de uma nova raça “brasileira”, mestiça, morena, tropical, correspondia à necessidade de um povo mestiço, de história recente, de inventar para si um passado heróico, nobre, guerreiro, que ocultasse as mazelas da “colônia de exploração”, o massacre de milhões de nativos, a devastação predatória da natureza, bem como fortalecer o mito de uma “unidade nacional” que historicamente não existiu.

Durante as últimas três décadas, realizou-se intenso estudo sobre as literaturas de povos que experimentaram o colonialismo. Discutiram-se questões sobre as estratégias colonizadoras, o papel do colonizador na formação educacional do colonizado através da

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

língua e da literatura européias, o cânone colonial, a degradação de qualquer expressão cultural indígena e a resposta do colonizado. A crítica sobre os “hiatos” na literatura colonial e o surgimento de literaturas desvinculadas do padrão eurocêntrico começaram a questionar certos pressupostos da Teoria Literária ocidental. O resultado destes estudos tem sido a reinterpretação e a reescrita de obras canônicas ocidentais como resposta ao colonizador.

Por isto, procurou-se analisar de que modo o romance *Meu querido canibal* se inscreve no contexto da revisão da história pela literatura e dos questionamentos em torno da identidade nacional brasileira. Buscou-se discutir a relevância do romance de Torres como instrumento, ao mesmo tempo, de denúncia de um discurso histórico unilateral e fragmentado, bem como de resgate de discursos excluídos e marginalizados. O romance se torna instrumento de revelação de outras formas de representação da nação, diferente daquelas apresentadas pela cultura nacional dominante.

Bonnici (1998), em *Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais*, apresenta-nos alguns princípios básicos da teoria pós-colonial referente à literatura. Ele afirma que autores tradicionais, definindo pós-colonialismo, usam o termo “colonial” para descrever o período pré-independência e os termos “moderno” ou “recente” para assinalar o período após a emancipação política. Embora não haja um consenso sobre o conteúdo do termo “pós-colonialismo”, Ashcroft et al. (1991) o usam para descrever a cultura influenciada pelo processo imperial desde os primórdios da colonização até os dias de hoje. Muitas vezes este termo é ignorado ou não entendido como é descrito acima porque certos grupos que saíram do colonialismo têm como preocupação primária o nacionalismo cultural e econômico e não querem sacrificar a especificidade de suas preocupações ao termo geral “pós-colonialismo”.

Outro conceito a ser considerado é o de literatura pós-colonial, que pode ser entendida como toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências européias entre o século XV e XX. Desde a sua sistematização nos anos 70, a crítica pós-colonial se preocupou com a preservação e documentação da literatura produzida pelos povos degradados como “selvagens”, “primitivos” e “incultos” pelo imperialismo; a recuperação das fontes alternativas da força cultural de povos colonizados; o reconhecimento das distorções produzidas pelo imperialismo e ainda mantidas pelo sistema capitalista atual.

A obra de Torres é considerada como literatura pós-colonial, porque o autor retrata uma nação indígena que experimentou a degradação, ou melhor, o aniquilamento de sua cultura pelo colonialismo. Desse modo, a releitura crítica da História empreendida no romance contribui com a construção de um ser humano mais consciente, pois faz-nos compreender que o discurso nunca é neutro, mas sempre forjado no contexto do mundo social, embalado por relações de poder. A “língua não é um meio neutro”, ao contrário, “está povoada e sobrepovoada de intenções estrangeiras”. “Todas as línguas do plurilingüismo [...] são pontos de vista específicos sobre o mundo (Bakhtin, 1999).

A pós-modernidade trouxe para a História questionamentos sobre a validade do método histórico, sobre os limites entre a verdade e a ficção e nos estimulou uma nova prática de leitura dos documentos e da historiografia (Fontana, 1998). Assim, os romances pós-modernos, como é o caso de *Meu querido canibal*, que revisita o passado, por meio de documentos da historiografia e reelabora o discurso da história, através da ficção, problematizam a condição de verdade indiscutível das narrativas históricas, ao revelar que os critérios que o homem define para narrar o acontecimento empírico são dependentes de uma visão pessoal e estão à mercê das interpretações. Desta forma, foi possível verificar que o que é escrito pela história oficial, tem o intuito de encobrir as desigualdades e injustiças e construir uma imagem de glória histórica para a nação.

Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, Feira de Santana, 18 a 22 de outubro de 2010

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura de *Meu querido canibal* deixa claro que a religião católica, representada pelos jesuítas, forneceu a base ideológica da conquista e da colonização do Brasil e, além disso, encobriu, com subterfúgios, as atrocidades cometidas em nome da fé, pois a sujeição dos indígenas à lei dos colonos foi através da prática do terrorismo, imposição da paz pela violência, tomando-lhe as terras, fazendo-o escravo, desde os primeiros anos da colonização. Todavia, apesar do poema de Gonçalves de Magalhães, épico e romântico, não entrar a fundo nesta questão, tem a virtude de mostrar a importância da Confederação dos Tamoios, colocando-se a seu lado e descrevendo um dos acontecimentos mais heróicos de nossa história. Assim, se a Confederação dos Tamoios não é o maior poema brasileiro, certamente é o mais brasileiro dos poemas.

Meu querido canibal empreende uma “descolonização” do índio na medida em que seu personagem protagonista passa de objeto a sujeito de sua própria história. O autor mergulha na cultura indígena em busca de vozes e episódios apagados ou distorcidos nos registros oficiais da história que são “absorvidos e regurgitados sob outra forma, em uma canibalização que busca a própria transgressão dos limites do romance nacional e das noções estereotipadas de brasilidade que circulam entre nós” (Santos, 2006). Nesse sentido, a obra em questão pode ser considerada como um dos marcos importantes nessa trajetória descolonizante, pois, realiza releituras ampliadas do nosso passado, traz novas definições do papel do índio e de sua contribuição para a cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

- ASHCROFT, B., GRIFFITHS, G., TIFFIN, H. *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*. London: Routledge, 1991.
- BAKHTINE, M. *Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard, 1999.
- BONNICI, T. *Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais*. In: *Mimesis*, Bauru - São Paulo, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.
- CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- CHAUÍ, M. *Brasil, Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. 4. ed. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2001.
- COELHO, A.C; SEIDEL, R.H. *Meu Querido Canibal e a Confederação dos Tamoios: dois gêneros, uma história*. In: *Anais do II Encontro Baiano de Estudos em Cultura — II EBECULT*. Feira de Santana: NEC/UEFS, 2009. 1 CD-ROM.
- FONTANA, J. *História depois do fim da História*. Bauru: EDUSC, 1998.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MAGALHÃES, D.J.G. de. *A Confederação dos Tamoios*. 3. ed. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Cultura, 1994.
- SANTOS, E.P. dos. *Uma viagem até a brasilidade: personagens pós-modernos e pós-coloniais e romance indianista brasileiro*. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 41, n. 3, setembro, 2006, p. 185-200.
- TORRES, A. *Meu querido canibal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- VENTURA, R. *Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à República*. In: MOTA, C.G. (Org.). *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000)*. São Paulo: Senac, 2000, p. 329-359.